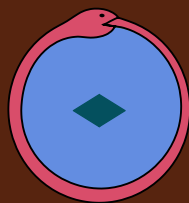
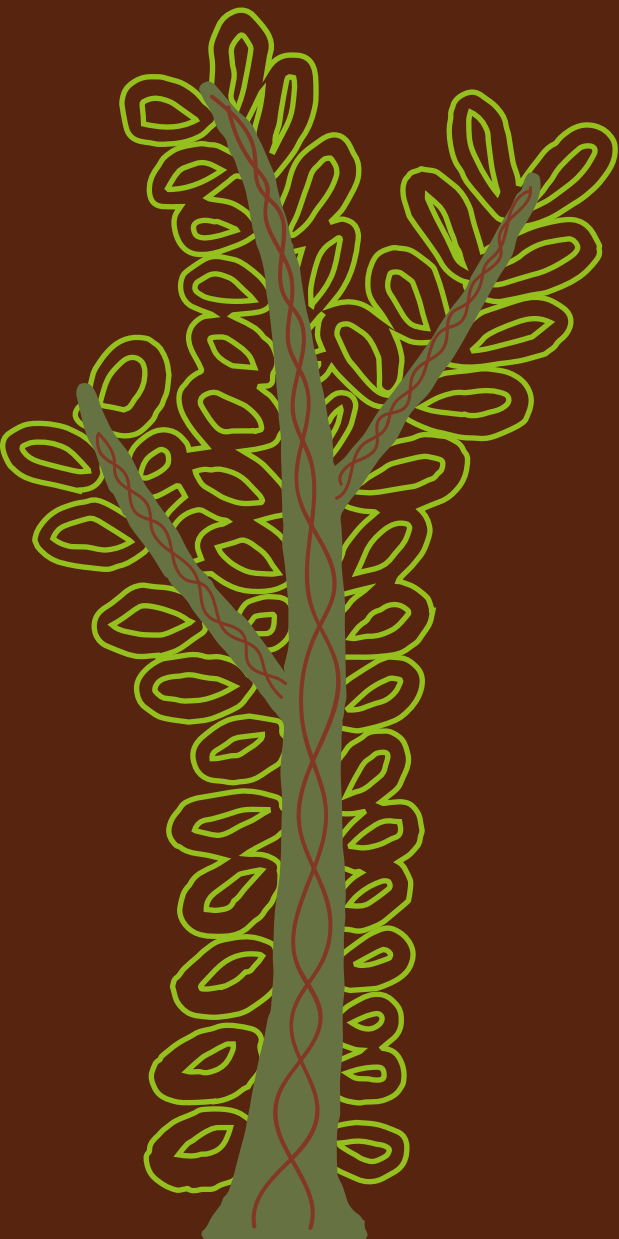


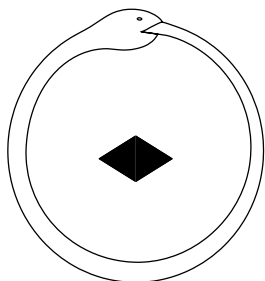


ENTRAR NO MUNDO -
CONVERSA SOBRE
"PLANTAS MESTRAS"
Ailton Krenak e Carlos Papá



cadernos
SELVAGEM





ENTRAR NO MUNDO – CONVERSA SOBRE “PLANTAS MESTRAS”

Ailton Krenak e Carlos Papá

Em setembro de 2022, Ailton Krenak e Carlos Papá dialogaram sobre as relações que mantêm com o tabaco e a ayahuasca. Foi dessa conversa que nasceu a orelha do livro *Plantas Mestras – Tabaco & Ayahuasca* de Jeremy Narby, lançado no Brasil pela Dantes Editora. Todas as palavras em guarani que aparecem ao longo da transcrição abaixo poderão ser encontradas no glossário que encerra este caderno.

AILTON KRENAK: Eu fico me sentindo uma criança quando alguém me convoca pra falar das plantas. Parece que tudo que nós, humanos, queremos das plantas é que elas levem embora nossas dores. E nos deixem bem. Nos deixem em paz.

Eu já era adulto quando conheci o tabaco. Na minha infância e juventude, lá não tinha nenhuma proximidade com essa planta. Eu tinha até um pouco de preconceito, talvez. Porque ele chegava até mim no uso mais ordinário. Ele chegava de um jeito errado pra mim. Até que, já adulto, uma vez eu fui na *Tenonde Porã*, uma aldeia guarani, lá em Parelheiros, e o padrinho, o *xeramõi* José Fernandes, falou para me darem um *petyngua*. E meu amigo *Karai Mirim* me deu o *petyngua*. E eu compulsei o *petyngua*. Tomei ele nas mãos e elas não paravam de suar. Suava, suava, transpirava, transpirava. Eu transpirei demais. Tomei um banho de transpiração segurando o *petyngua*. As primeiras vezes que fiz uso do *petyngua*, vomitei e passei muito mal. Até outro dia, eu ainda passava mal. Então eu ia limpando. Suei, suei, suei. Expectorei muito. Saíram muitas coisas de dentro de mim.

E depois eu continuei, com dificuldade. Até que passei a experimentar as primeiras visões. A primeira visão que o *petyngua* me deu, fazendo a reza na *opy*, foi de um fogo saindo de dentro de uma lage de pedra. Eu fiquei num estado de graça por ter visto aquele fogo saindo

da pedra. Aí contei para os parentes lá da aldeia, da *Tenonde Porã*, que eu havia tido essa visão de um fogo saindo de dentro de uma laje de pedra, grande. Uma grande laje de pedra, em um lugar fora da área de convívio com outras pessoas, como se eu estivesse numa área isolada, e o fogo, suave, saía de dentro da pedra. E ficava lá, suave, saindo de dentro da pedra, atraindo a minha atenção, o meu olhar. Eu contei e eles disseram: “Você é sortudo. Tem gente que fica anos e anos aqui e não tem visão nenhuma. E você logo na primeira iniciação com o tabaco, ele te deu uma visão. Para nós, aquele fogo saindo de dentro da pedra, é uma visão muito bonita, muito especial, que você teve. Aquele fogo é *Tupã*.” Aí eu fiquei num estado de felicidade tão grande e falei: “Nossa, o tabaco me deu essa visão.” Passei a cultivar o uso cerimonial do tabaco, sempre com o *petyngua*. Sem enrolar cigarro, sem fazer outro uso. E sempre cuidando da origem do tabaco que eu estava usando também. Eu não pegava qualquer tabaco para preparar e botar no *petyngua*. Fui prestando atenção e fui me beneficiando da cura recorrente ao uso do *petyngua*. Quando eu podia estar na cerimônia, usava o *petyngua* junto com todo mundo. E quando estava sozinho, usava ele com parcimônia. Não fiquei abusando do contato com essa planta. Devagarinho, fui me aproximando mais e aprendendo a ver a planta [do tabaco] mesmo: as folhas, a floração, o jeito que ela se difunde no ambiente onde ela está. Fiquei feliz de ter convidado ela uma vez para ir ao meu quintal, e ela começou a brotar perto de mim. Achava um benefício tão maravilhoso aquela planta enorme me acolher, me aceitar. Então ela passou a aparecer nos meus quintais. E até hoje, onde eu moro, ela também fica perto de mim. Ela dá um jeito de aparecer perto de mim, às vezes num canto do quintal. Se eu pedir também para ela ir mais perto da porta da casa, ela aceita. É maravilhoso essa amizade que vai amadurecendo ao longo dos anos, talvez ao longo dos últimos 30 anos. E vai ficando uma aproximação tão gentil, que encontrei uma amiga que pode me dar muitos presentes. Quando fui manusear a planta, mexer nela, aprender a textura dela, a sensibilidade da folha, prepará-la para secar e deixá-la pronta para o uso, que é maravilhoso também. É tão bom você conseguir ganhar da planta esse presente, e manusear ela com respeito e ver o benefício que é isso.

Depois, nas minhas viagens para outras regiões do Brasil, saindo para o Acre e indo em outras aldeias, vi também outros jeitos de manipular a planta, de mexer com ela. São modos de preparar a planta para conservá-la em estado úmido, bom para ser usado em seis meses, um ano, sem ela ressecar. Assim fui vendo as tonalidades dela, entendendo. E é maravilhoso. Eu gostava muito de cortar o tabaco no ponto em que ele já estava preparado. Cortar ele fininho, por ele sobre um apoio e ficar dichavando ele, soltando as pequenas amarras para ele ficar também mais fácil de queimar, porque ele fica mais soltinho. Nessa espontânea curiosidade de mexer com ele, comecei a perceber que ele estava me dando uma oportunidade nova de conhecimento, que era poder espalhar um punhado de tabaco em cima de uma superfície, manuseá-lo e esperar ele escrever alguma coisa para você. Como um oráculo, revelar alguma coisa. Sem queimá-lo, sem botar fogo. Só a planta, te dando respostas para perguntas íntimas. Por exemplo: “Eu vou viajar amanhã?” Aí na movimentação das tirinhas de tabaco que estavam dichavadas começava a aparecer um painel. Eu via um painel, um oráculo, uma imagem, que eu podia concluir se era para eu fazer a coisa que eu ia fazer ou não, mudar de planos. Foi uma experiência ali pelos meus 50 anos já quando eu comecei a ler ele. Aprendi então a fazer uma coisa que ainda não ouvi ninguém falando, que é de ler o tabaco. Sei que tem gente que lê borra de café, que lê outros movimentos na água. Mas só experimentei essa coisa de ler a mensagem do tabaco dichavado, sem nenhum uso, só ali olhando para ele me mostrando coisas. Foi muito bom. É provável que outras pessoas já tenham também vivido essa experiência em outros contextos, do tabaco ser essa voz de saúde, essa imagem ativa. Não é uma coisa inerte, mas é algo vivo. É claro que quem faz o uso ritual dele, o uso cotidiano dele, tem outras experiências. Eu fiquei talvez durante quase 20 anos interessado nessas leituras do tabaco, aprendendo mais sobre o que ele desperta em nosso corpo.

Também fiquei muito animado quando conheci a possibilidade de usar a pasta do tabaco, que nossos parentes *Uitoto* trouxeram de lá da Colômbia. Eles me deram um tantinho dessa pasta de tabaco, e eu pude, numa cerimônia que estávamos juntos, pôr ele debaixo da língua e ficar experimentando o efeito da pasta de tabaco numa meditação, muito bom.

Não faço mais o uso nem do *petyngua*, nem da pasta de tabaco. Nem faço leitura dele. Porque ele me dispensou. Em algum momento da minha vida, o tabaco me deu um sinal de “Pode seguir. Não precisa ficar fazendo o uso dessa planta como seu aprendizado.” Da mesma maneira que alguém começa a tomar café e para de tomar café algum dia, eu também parei de fazer o uso das várias maneiras de se aproximar do tabaco, de fazer o uso dele. Não carrego comigo minha sacola de medicações, que incluiria carregar o meu *petyngua*, e o *petỹ*, o tabaco.

Ouço as histórias do tabaco sempre com muita atenção, porque acho elas principalmente belas. Muito belas, por isso que eu escuto. A mais ilustrativa delas, que guardo em meu coração, é uma história que o Papá vai poder contar muito melhor do que eu. É uma narrativa ancestral dos nossos parentes *Nhandéva*. Acho que os *Mbya* também têm essa mesma notícia dele, que, antigamente, quando ainda não estavam aqui outros povos disputando território com nossos antepassados, as famílias podiam se deslocar na mata, indo de um lugar para o outro, abrindo roça. E quando chegavam a um lugar novo na mata, onde escolhiam o lugar para fazer uma derrubada, abriam primeiro espaço para a roça, depois faziam a casa dentro da roça. A casa já era feita dentro dessa roça. Provavelmente, a primeira construção era realmente a *opy*, para ter o lugar de reza. Então, a família parava naquele lugar, limpava a área do roçado e não cultivava nada, não plantava nada. Ficava esperando até que aparecesse um plantio no meio daquela covada, daquela derrubada. Eles ficavam olhando, se, espontaneamente, aparecia um pé de tabaco. Se ele aparecesse espontaneamente, brotasse no meio dos troncos, dos galhos derrubados na clareira era porque aquele lugar estava propício. Era propício ficar ali um tempo. As aldeias, esses *tekoa* são efêmeros, não duram a vida inteira de ninguém. Muitas famílias passam entre um lugar e outro, e abrem outro lugar depois, outra clareira onde vão de novo cultivar e morar. E o tabaco vai junto. Ou ele vai na frente, ele já está naquele lugar onde a família chega, recebe as pessoas. Eu entendi que se ele não aparecer na clareira, significa que não é para ficar morando ali, que é para buscar outro lugar para morar. Essa história é tão bonita, porque é uma planta que determina o assentamento que aquelas famílias vão passar a ter por um tempo. É claro que depois que os

brancos chegaram, botaram cerco pra todo lado e pressionaram demais, esse costume de passar um tempo, alguns meses ou anos em um lugar não é mais possível. Agora tem que ficar demarcando terra, tem que parar no mesmo lugar, e às vezes, tem que parar no mesmo lugar por décadas. Porque não pode mudar de lugar, porque os brancos chegaram e tomaram a terra. Mas o tabaco continua vivo e presente no cotidiano de cada um de nós. Basta prestar atenção que ele te mostra se você pode ficar mais pertinho dele ou se você pode mudar de lugar. Bom, agora o Papá podia me salvar. Papá, você já tinha escutado alguém que espalha o tabaco assim numa superfície, numa mesa, e fica esperando ele mostrar imagem?

CARLOS PAPÁ: Como você citou o nome do Zé Fernandes... Eu também comecei a usar com ele. Até meus 10 anos, eu não usava tabaco. E depois, na minha adolescência, teve o ritual de iniciação de criança para adulto. Na época, eu estava aqui no Rio Silveira, e aqui não tinha escola. Meus pais resolveram, então, me levar para a aldeia **Tenonde Porã** para estudar lá, porque era o único lugar que tinha escola. Para aprender a escrever.

Eles pensavam na necessidade, pensavam no futuro. Na época eles falaram assim: “você vai ser o futuro secretário”. Os caciques não sabiam ler nem escrever. Então, eles dependiam muito de outras pessoas que pudessem escrever o depoimento deles, para mandar cartas para o chefe não indígena. Então, fui levado para lá, para estudar na aldeia.

Entre os 12 e 13 anos, comecei a mudar de voz. Já não era mais uma criança, e minha voz começava a falhar. Foi naquele momento que tive que fazer o ritual de iniciação de mudança de criança para adulto. Foi lá que, pela primeira vez, me passaram o **petyngua**, que é o cachimbo e me diziam assim: “A partir de hoje, Papá, você vai usar esse cachimbo. Não é para você usar por usar. Você vai ter o propósito de caminhar com a sua essência, você vai carregar a sua bagagem, com a sua caminhada. Isso, no sentido de levar esse entendimento enquanto você está crescendo. Vai ajudar você a não ser pego por alguma coisa ruim. Agora vão aparecer muitas coisas ruins, que vão querer te encantar. Esse encantamento é muito perigoso. E o equilíbrio dessa vida que você vai

levar para se proteger do encantamento é o *petyngua*. O *petyngua* leva as mensagens diretamente do *Nhanderu*. E *Nhanderu* vai te guiar. E essa fumaça que você solta, de dentro para fora leva o pensamento, o sentimento. E a fumaça vai pairar por todo o universo. Vai se misturar com o vento. Vai se misturar com o aroma do ambiente. Com isso você vai se fortalecer cada vez mais. Mas isso você vai entender melhor quando tiver seus filhos. Agora, você não vai entender nada, mesmo que a gente fale, você não vai entender. Mas essa sabedoria vai vir aos poucos, quando você tiver filhos”.

Então, eu não entendia direito. Então, eu fumava um cachimbo no *amba*, no altar, pedindo minha proteção. Mas não vinha força nenhuma. Só vinha uma suadeira, calafrio. Às vezes eu fazia limpeza. Mas não sentia algo muito além de mim. Só tinha sonhos. Quando eu sonhava com alguma coisa, contava o meu sonho para o finado Zé Fernandes, “sonhei isto ou aquilo...”, então ele falava o que o sonho significava.

Assim fui crescendo. Sempre usando o meu *petyngua*. Depois que fui para a cidade, eu tinha um *petyngua* pequeno e sempre reverenciava ao entardecer. Tudo isso passou durante muito tempo. Então, eu conheci a Cris. E a gente foi caminhando.

Eu tinha um pouco de receio de ir para a casa de rezas. Da força que os pajés tinham, materializavam. Quando uma doença estava prejudicando o corpo de alguém, então, às vezes eu ajudava o pajé Djejoko a cuidar do doente. Mas até então, eu não tinha entendimento da espiritualidade de forma bem profunda.

Depois que o Djejoko foi embora, que a minha mãe foi embora, vieram os filhos. Um dia, meu filho ficou doente. E não estava mais minha mãe, não estava mais o Djejoko. Então, eu comecei a usar o *petyngua*. Não na casa de reza, mas na minha casa mesmo. Comecei a usar, a praticar da forma que eu via que os pajés faziam. Com isso eu comecei a praticar e meu filho começou a melhorar com as coisas que eu fazia.

Então, comecei a buscar mais informações. E com isso, não sei explicar o que eu senti. Mas veio uma coisa. Através do tabaco e da fumaça vinham mais mensagens. Pela embriaguez do tabaco, eu comecei a perceber e entender os códigos da fumaça na medida que você bafora. A fumaça começou a abrir os códigos. Acabei entendendo esses códigos.

E vinham as falas antigas, falas como se os grandes pajés se manifestassem. Senti uma força muito grande, me senti gigante. Não sentia mais meus pés no chão. Eu me senti... Parecia que eu tinha capacidade de voar. Assim, comecei a perceber que o *petyngua* é um instrumento que cura, que faz que você entenda todos os códigos do tempo. Foi aí que também compreendi o que nós chamamos de *teko axy*. *Teke axy* quer dizer corpo imperfeito.

O vento traz e leva as mensagens. A fumaça do *pety*, que é o tabaco, essa fumaça quando pensamos, leva o pensamento e paira para que o vento traga respostas. Aprendi que o *petyngua* e o tabaco são quentes. Vem aqui e se soltam. E precisam do fogo. O tabaco. Aqui [apontando para o cachimbo] vai a brasa, tem que pegar a brasa e colocar aqui. A brasa se mantém. Vem a temperatura e esfria. A fumaça já vem fria. Você assopra com a temperatura do seu corpo. Então, a fumaça se espalha e traz a informação necessária que você quer saber.

Os grandes pajés não falam assim: “Olha, você vai ter que fazer o curso para você ter esse entendimento”. Não falam isso. Cada um tem que trazer [o entendimento] com seu próprio esforço. Você traz essa busca. Mas tem que trazer essa busca de 4 direções. Nem todos os *xeramõi*, os pajés, vêm de um lugar só. É assim: existe *Karai kuéry*, existe *Jakaira kuéry*, existe *Tupã kuéry*, *Nhamandu kuéry*.

Os *Tupã kuéry*, ou seja, os pajés que vão pegar o bastão de direcionamento do *Tupã kuéry*. Então, vamos supor que eu peguei o bastão do *Tupã kuéry*. Esse é o bastão que *Tupã* me deu. Então com isso aqui vou ter a força de *Tupã*. *Tupã* é um espírito, é um ser que não tem restrição. Ele pode curar qualquer pessoa, inclusive que não seja da cultura dele. Ele pode. Porque é *Tupã*.

Jakaira também. Se eu pegar o bastão de *Jakaira*, o ensinamento dele não teria restrição. Ele acompanha *Tupã*, depende muito dele, eles ficam coligados: *Jakaira* e *Tupã*. Por quê? Porque *Tupã* é quem traz o “tempo novo” e quem traz o “tempo velho”. Leva o “tempo novo” e leva também o “tempo velho”. Eu faço reverenciamento através do ritual da erva-mate, quando o “tempo novo” começa. Por isso, eu tenho que prestar muita atenção no tempo para saber quando é que o *Tupã* vem. Não sei se o termo seria “batizar” ou “reconhecer”, não sei como

se diz isso. Porque “batizar” é um termo meio cristão. O “tempo novo” é quando as flores da mata estão todas floridas. Então, **Tupã** vem e abençoa tudo. Mas essa coisa de “abençoar” também é coisa cristã. Não sei como posso dizer. O **Tupã** vem, faz o vento e manda a chuva, os raios. Essa é a primeira entrada do “tempo novo”. Aí você tem que esperar mais um pouco. **Tupã** vem de novo uma segunda vez. [Tem que] esperar quando as flores já caíram, quando já estão criando as frutinhas, dando frutinha. Depois, tem que esperar de novo. Na terceira vez que **Tupã** vem, vem para lavar as frutas já grandinhas. Então é aí que começa, quando entrou e está completo o “tempo novo”. E é aí onde entra **Jakaira** para reverenciar esse “tempo novo” com a erva-mate durante a cerimônia. Fazemos cerimônia até... dezembro, por aí. No meio do “tempo novo”, fazemos a cerimônia de nomeação. Depois tem que esperar a terceira etapa, esperar de novo **Tupã** fechar o “tempo novo”. Ele vai vir de novo. Uma primeira, segunda e, na terceira, acabou o “tempo novo”. Depois, **Tupã** traz o “tempo velho”.

Na entrada do “tempo velho”, a gente faz de novo outra cerimônia com a erva-mate. Depois que fez a cerimônia da erva-mate, terminou o “tempo novo” e começa. Vai passando o tempo. Todo mundo fica de quarentena, ninguém faz absolutamente nada. Não faz roça, porque é no tempo frio. Então, se usa a erva-mate que foi colhida no “tempo novo”, que serve para passar o “tempo velho”, até chegar novamente o “tempo novo”. Enquanto é “tempo novo”, tem que colher tudo o que se pode colher, para poder ficar tranquilo durante o “tempo velho” no frio. Assim que funciona o círculo. Eu peguei o bastão do **Jakaira**. **Jakaira** é um espírito, o guardião da bruma. Da bruma das montanhas. E também é guardião do meio-dia. O espírito que me guia é o **Jakaira**.

Também tem pajé que é guiado por **Karai**. **Karai** é o guardião de uma linha reta, que começa em paralelo com o sol. **Karai** é um pouco exigente. Por isso que às vezes a gente pensa assim: “Poxa, não sei porque que fui na casa de rezas com o pajé e o pajé não deixou entrar”. Muitas pessoas não indígenas já tentaram entrar em uma casa de rezas e não deixaram entrar. Isso é porque **Karai** é muito exigente. Ele é exigente com tudo. Se não se está em um acordo com ele, não pode nem levar crianças. Muitas crianças fazem barulho, tirando o pajé da

concentração. Então, é por isso que eles são muito mais exigentes, os pajés guiados por *Karai*.

Depois, está *Nhamandu*. *Nhamandu* é uma pessoa que é de todos. Ele não é muito exigente, assim como *Tupã*, ou como *Jakaira*. Porque *Nhamandu* vem da luz. Então, ele não é tão exigente. Porém, ele é muito mais sensível. Ele não mede a fala. Se tiver alguma coisa errada que você fez no passado, ele vai falar assim: “você fez isso e aquilo, e é por isso que você está assim”. Não é uma pessoa que guarda segredos. Esse é *Nhamandu*.

Então, quem usa o *petyngua* tem que se concentrar e pensar de onde veio. Fazendo sua caminhada com esse bastão. Quando a gente pensa que os líderes espirituais são todos iguais, não é assim, não são todos iguais. Um veio do lugar de *Tupã*, outro veio de *Jakaira*, outro veio de *Karai*, outro veio de *Nhamandu*. Então são quatro direções, quatro origens. Então, é por isso que existe uma reza para cada um. Os clãs são diferentes uns dos outros, no seu jeito de dançar, no jeito de se pronunciar e no jeito de usar o tabaco. Como é que essa pessoa usa o *petyngua*? Tem quem usa assim [tampando e segurando o cachimbo com a mão por cima]. Tem pessoas que usam assim [segurando o cachimbo na palma da mão]. Tem quem usa assim [segurando o cachimbo pela parte da frente]. Tem pessoas que usam somente dessa forma assim [segurando a base do cachimbo com os dedos].

Então, existe a forma que as pessoas devem usar. Os grandes líderes espirituais sabem. Sabem quem veio de lá, esse outro de lá, outro veio de lá, veio de lá [apontando as quatro direções de origem]. Por isso, o comportamento dos líderes espirituais também é diferente, porque eles sabem de onde vieram. E, é por isso que, quando a gente vai se reunir, quando vários líderes espirituais –digamos, os pajés– estamos reunidos em uma casa de reza, cada um respeita o outro. Porque cada um tem seu jeito de lidar e de se comportar. Mas é como se fosse a mesma coisa, porque todo mundo é igual perante o espírito. Mas a forma de comportamento que é diferente. É o *petyngua* que traz essa a essa diferença. Porém, não existe um pajé melhor do que o outro. Por isso, há que se respeitar, porque é a forma que cada mundo espiritual se manifesta. Nós temos esse entendimento. Então, é assim que funciona o tabaco. *Aguyjevete!*

AILTON KRENAK: Que bom. Eu estou voando. Me lembrei que depois de um resguardo não planejado, circunstâncias próprias da minha família, da minha vida pessoal, eu tive que ficar sem frequentar nenhuma situação ritualística onde eu pudesse ter a oportunidade de fazer todos esses ciclos, acompanhar o que nós chamamos de festas. Porque é lindo também lembrar dos nossos professores, lembrar alguns dos nossos mestres, é tão bom lembrar deles, dá uma alegria tão grande porque quando nos lembramos deles, eles acabam deixando a gente intervir sobre a imagem deles. É tão bonito. Estava me lembrando que nosso querido [Davi] Kopenawa fala que quando estão fazendo *shapori*, quando os pajés estão trabalhando meio a pessoas estranhas, pessoas curiosas, uma audiência, os *xapiris* reclamam que aquelas pessoas não enxergam, elas não vêem nada. Não vê a luminescência deles, não vê a presença deles, não vê a imagem deles. Aí eles falam: “Ah, eu não quero ficar aqui, eu vou embora”. Eles enjoam de nós porque não estamos vendo eles. E agora quando nós lembramos dos nossos *xeramõi*, eles deixaram a imagem deles passar pra gente ver o rosto deles. É tão maravilhoso, porque a gente podia considerar que esse também é um presente do tabaco: deixar a gente ver as pessoas que a gente ama, sentir a presença delas. E também é maravilhoso lembrar que eles podem transpor esses portais todos e nos trazer a sua imagem para dançar para nós, e às vezes até mesmo o seu próprio cheiro. Acho que quem faz o uso correto do tabaco, dentro de todas essas orientações que o próprio tabaco nos passa, com o tempo, essa pessoa nem precisa estar fazendo o uso dessa planta, mas ela já está no corpo da pessoa. Ela está com ela. Essa transcendência me interessa, porque passei um tempo longe do convívio com o tabaco, até que eu conheci o rapé, a maneira que os grandes preparadores de rapé fazem as dietas, e botam cinzas e alguma outra essência aromática, e tabaco. Aí eu vi que o tabaco tinha voltado pra mim de novo, na forma desse uso do rapé, que me ajuda e me dá direção, com a mesma generosidade, com a mesma bondade. Você ficou buscando uma palavra que não fosse repetir os conceitos do cristianismo, como “benção”, “benzer” ou “abençoar”, e eu fiquei pensando como nós ainda precisamos nomear alguns sentimentos, nossas experiências. Creio que o que o tabaco faz para cada um dos seus filhos é: ele dá um presente, e ele deixa a gente ficar alegre, deixa a gente fazer festa.

Eu gosto de pensar nesse calendário dos rituais, como festa. Não é uma coisa comum, é uma festa. Poderíamos dizer que é uma festa do espírito. Porque quando a gente sai desse cotidiano que a gente fica cuidando de preocupação, cuidando das coisas mundanas, se virando pra comprar coisas, resolver coisas, aí a gente sai disso e vai experimentar essa verdadeira festa. Que não é uma festa só de humanos, é também uma festa dos pássaros, do vento, das flores, dos frutos. É uma alegria tão maravilhosa que nem parece que a gente tá vivendo em um mundo com problema. Esse mundo com problema fica em outro lugar. É o trânsito, a viagem, que a gente pode fazer nesse veículo maravilhoso. Gosto de pensar no *petyngua* também como um veículo, uma nave. E quem tem esse presente de poder acessar esse veículo e viajar, pronto! Saiu desse mundo cheio de confusão e vai para um lugar maravilhoso, de festa. As pessoas têm dificuldade de imaginar isso. É porque talvez elas ainda estejam muito apegadas a esses valores antigos que ficaram impregnados na nossa convivência com a colonização, com a domesticação – usam até o termo “domesticação das plantas”. O que é um absurdo, os humanos acharem que podem domesticar as plantas. Eu tirei tantos presentes dessa fala maravilhosa que você trouxe, Papá, que ainda vou ficar sonhando com eles, para aprender mais. Se alguém me perguntasse hoje: “Você usa tabaco?”, eu ia dizer assim “só no rapé”. Ou então, eu mandaria ir visitar o Papá e a Cris, aí eu encontro com eles e falo pra eles “Ah, tô precisando desse *petyngua*.” Mas eu não carrego ele comigo. Sinto que fiquei dispensado de carregar o *petyngua* comigo.

Me lembrei também de uma pessoa lá do norte do continente americano, da divisa dos Estados Unidos com o Canadá. Um homem, pajé na cultura dele do povo *Cree*, teve um sonho, lá na terra dele, nos Estados Unidos, e nessa visão ele foi informado que tinha que vir ao Brasil, na América do Sul. Ele nunca tinha olhado pra cá. Aí o espírito dele olhou pra cá e viu muitas florestas, muita mata. E lá naquela mata, andando no meio de seus parentes, tinha um índio com uma faixa vermelha amarrada no cabelo, como se fosse um pano vermelho amarrado no cabelo, na testa. E a visão falou pra ele: “Você vai ter que ir lá, encontrar esse homem e entregar a ele esse seu *petyngua*, esse seu cachimbo, essa sua pita sagrada, e você vai levar também a erva que queima ele”,

já que eles têm um tabaco diferente desse que nós usamos aqui no sul, que eles usam numa pita sagrada, no cachimbo. Esse homem era de uma família de medicinas. O pai dele, o avô dele eram da linhagem de medicinas, mas ele desviou da medicina e saiu perdido. Teve algumas consequências para a família dele, a casa da família pegou fogo, e ele foi avisado que se ele não tomasse providências, ele iria sofrer com isso. Então ocorreu no pensamento dele que ele tinha que vir ao Brasil procurar esse índio com a faixa vermelha na cabeça e entregar o *petyngua* dele para o índio. Aí ele veio ao Brasil, o nome dele é Lass, do povo Cree. Ele veio ao Brasil carregando um saco de medicinas, que era feito de pele de búfalo, e lá dentro tinha aquele objeto bonito, atraente, que é a pita sagrada, que os índios norte-americanos usam. Consagram as quatro direções, norte, leste, sul, oeste. Fica no centro, apontam ao centro, faz o fogo, faz a consagração da pita e defumam o ambiente onde eles estão, sopram nas pessoas, aquelas coisas. Eu não conhecia o jeito que eles faziam, e ele me mostrou quando nos encontramos. Ele andou pelo Brasil, foi para Rondônia, foi para o Xingu, foi para o Mato Grosso. Andou por todo lado, visitou os parentes em vários lugares, foi a algumas festas, procurando essa pessoa que ele viu em uma imagem do sonho. Não encontrou. Quando ele já estava indo embora do Brasil, uma amiga nossa disse a ele: “Ah, queria que você conhecesse um cara que é meu amigo. Ele faz o trabalho dele no movimento indígena pelo Brasil”. Aí esse parente nosso do norte falou: “Bom, quem eu vim procurar, eu não encontrei. Então, já que estou indo embora, vamos aproveitar para conhecer esse político”. Ele pensou que eu era político, que quem faz movimento indígena é político. E ele não queria encontrar político, ele queria encontrar aquela pessoa do sonho. Aí eu fui lá, na casa onde ele estava hospedado, e quando cheguei no portão a dona da casa estava ocupada e pediu para ele abrir a porta. Quando abriu a porta, ele teve uma verdadeira desorientação e começou: “O homem chegou, o índio chegou!”. Quando ele me viu, ele teve uma euforia porque eu era o cara que ele tinha visto no sonho, o cara que ele tinha que entregar o cachimbo dele. Aí eu fiquei preocupado com aquilo, fiquei impressionado. Porque eu nunca tinha pensado em ganhar um saco de medicinas como aquele. Aí ele contou uma história linda, da viagem dele, da família dele, e disse

que eu era a pessoa que deveria ficar com aquele *medicine bag*, aquele saco de medicina. Eu parecia uma criança de novo, peguei aquele objeto fantástico e fiquei olhando: “Nossa, ganhei um prêmio!”. Terminou o ritual, ele foi embora para os Estados Unidos, eu guardei meu saco de medicinas e ele ficou esquecido em algum lugar lá em casa. Porque ele não era um objeto que eu conhecia. Eu não sabia como manipular ele, então decidi que não ia ficar mexendo com ele. Bem, uma outra pessoa passou lá perto de casa um dia e viu aquele objeto. Ficou fascinado, parecia que ele tinha visto um tesouro. Percebi que ele queria muito aquele objeto. Eu perguntei: “Você quer para você?”, e ele respondeu: “Eu adoraria, seria minha grande alegria!”. E eu dei para ele aquele objeto. Com o tempo, fiquei sabendo que aquele parente tinha trazido aquele objeto para se livrar daquele caminho duro que estava percorrendo, que ele corria inclusive o risco de morrer, de pegar fogo na casa dele. Ele precisava entregar para alguém que iria encerrar aquele ciclo. Como eu não fiz a tarefa de encerrar esse ciclo, outra pessoa passou, pegou, e levou pra ele. Aconteceram muitas coisas com aquela pessoa depois. Aí que eu finalmente entendi como que esses objetos queimam na mão. Quando ele cai na mão de uma pessoa, se a pessoa não souber o que é, ele queima na mão da pessoa. Queima muito.

Essa última parte da história é meio trágica, mas eu não podia perder a oportunidade de contar para vocês. Quando uma pessoa fica muito curiosa, querendo um *petyngua* que não é dele, a pessoa pode fazer uma escolha perigosa. Pode levar com ele um objeto de poder que ele não sabe como lidar com. Isso não é uma fábula. Isso foi uma experiência dura que eu passei e que vi outras pessoas também tendo que aprender a lidar com as plantas, a lidar com os instrumentos que essas plantas utilizam para se comunicar com a gente, para nos ensinar. É por isso que chamam de plantas mestras, porque elas ensinam.

A aproximação que o tabaco fez do meu mundo foi tão maravilhoso, me ajudou em um período da minha vida. Isso foi entre os 30 e poucos anos até os 50. Depois, fui liberado. Até queria ver com o Papá se ele conhece a história de algum parente que foi liberado do tabaco, que disseram “pode seguir, que você não precisa ficar trabalhando com essa planta dessa maneira, nessa disciplina”. Achei muito interessante eu ter

sentido a liberação integral. Seria como seu médico te dizer: “Você não precisa mais usar máscara da covid.” Aí, eu tirei a máscara da covid. Papá, você já ouviu, Papá, alguma pessoa não indígena ou indígena que o tabaco liberou, que podia continuar andando e não precisava fazer a disciplina do tabaco?

CARLOS PAPÁ: Até agora, não. Eu não presenciei pessoas que tenham sido liberadas assim. Lá no Paraná, alguns parentes diziam assim: “Há muito tempo usei o *petyngua*, o cachimbo. Por muito tempo. Mas hoje eu não uso mais”. Aí eu lhe pergunto o porquê. A pessoa responde: “Porque me tornei evangélico”. Isso é muito comum. Mas não é por estar liberado.

AILTON KRENAK: Então, você ainda não tinha ouvido ninguém dizer que a essência do tabaco liberou a pessoa de fazer uso regular? Agora você tem uma pessoa que te contou isso.

CARLOS PAPÁ: Pois é.

AILTON KRENAK: Então, você estava falando que o bastão que cada um recebe vem de diferentes direções. Alguns têm mais liberalidade, outros têm mais rigor. E ainda tem um que não deixa qualquer um chegar perto.

CARLOS PAPÁ: Isso.

AILTON KRENAK: Achei muito interessante essa explicação. Eu poderia acrescentar também que houve um tempo em que eu bebia garrafadas de ayahuasca. Não era um pouquinho, não. Garrafada! Quando eu andava com o pajé Agostinho, na floresta, eu andava junto com ele e eu falava “Você me dá um pouquinho?”. Aí ele me dava um frasquinho. Eu pegava o frasquinho e bebia. Eu fazia gargarejo com o frasco de ayahuasca. E engolia. E era tão maravilhoso no meu corpo. A sensação era tão maravilhosa! Ela não provocava nenhuma visão, não provocava nenhuma experiência de sofrimento, de nada. Só me dava alegria. Então, era como se eu ficasse bêbado de tanta alegria.

Eu não vomitava, não passava mal. E a pessoa perto de mim tomava um tantinho assim, uma tampinha, e saía vomitando, passava aperto para caramba. Eu olhava e pensava “Como é que eles podem se sentir mal com uma bebida tão deliciosa?”. E Seu Agostinho gostava de me ver fazendo gargarejo e engolir, porque ele disse assim: “As pessoas têm tanto medo de tomar essa bebida. E você pega, vira assim a garrafa e gargareja”. E eu falei: “Estou parecendo uma criança de tanta alegria, de poder ter essa bebida perto de mim. E quando eu ficava de madrugada, onde eles iam cozinhar o cipó, bater o cipó, preparar... Só de eu ficar naquela atmosfera do engenho de fazer a bebida, eu já ficava totalmente em um estado de pura miração. Ficava “mirando” o tempo inteiro, com o aroma dela cozinhando no panelão. Eu gostava de enfiar a concha no panelão, pegar a concha e beber igual garapa. Eu fazia isso e o pessoal ficava alucinado. Eles falavam: “Nossa, esse Krenakinho não tem juízo! Olha o tanto de bebida que está tomando, ele vai ficar maluco”. Eu não tinha essa preocupação e nem fazia isso como desrespeito. Não estava fazendo brincadeira. Eu achava gostoso mesmo.

Agora eles estão engarrafando ayahuasca, como engarrafam coca-cola ou guaraná. Podem fazer o que quiserem, mas quero ver se ela vai conversar com eles. Assim como alguém pode usar o tabaco da maneira mais inadvertida e a única coisa que irá obter é uma doença de pulmão.

As mesmas plantas que curam, elas também matam. As pessoas têm que parar de ser bobas e achar que podem sair comendo toda e qualquer planta, feito uma alface. Eu fico vendo esse movimento ao meu redor com cautela. Agora eu posso passar um ano inteiro sem fazer qualquer ritual de ayahuasca. E talvez, daqui para frente, eu possa passar a vida inteira sem tomar.. Por isso eu não entendo por que tem gente que consome o tabaco ou a ayahuasca ou qualquer outra planta como se fosse hábito, como se não fosse um encontro verdadeiro. Porque o encontro verdadeiro se encerra nele mesmo. Não precisa ficar pensando nisso. Eu tenho aprendido isso com as fadas. Elas me visitam, me enchem de presente, brincam comigo, dançam comigo. Me anima a cantar, brincar e depois vão embora.

Aguyjevete!

CARLOS PAPÁ: Sobre a medicina da ayahuasca, a minha experiência transcendeu o entendimento do medo. Superei o meu medo. Porque até então usava tabaco, mas alguma coisa me dizia que havia uma chave que tinha que mudar. Tinha que abrir uma porta. E tinha muitas outras portas. Mas algum dia devia ter a coragem de abrir uma dessas portas, porque as portas estavam todas fechadas. E a medicina me deu a coragem de abrir a porta, uma dessas portas.

Eu acho que a medicina dá um encorajamento nas pessoas para entrar no mundo, no seu ser que você ainda está trabalhando. Se fosse só com o tabaco, eu ainda não compreenderia exatamente o mundo espiritual. Porque, até então, só via as coisas do mundo espiritual quando estava dormindo, quando estava no sonho. E essa medicina me trouxe à tona que o que eu sonhava é real. Com isso, aprendi, quer dizer, compreendi, que uma dessas portas é onde existe o entendimento. Quando abri essa porta, eu não vi nada. Não ouvi nada. Então, me perguntei, como é que eu não vi nada, por que não vi nada. Eu não estava vendo nada, não estava sentindo nada, não estava sentindo cheiro, não estava vendo vida.

A partir do momento que você abre e entra nessa porta, foi quando compreendi que a porta que estava fechada dessas várias portas era eu mesmo. Era meu interior, que não tinha nada dentro ainda e precisava decorar esse ambiente. Então, quando pela fresta da porta entrou luz, é que eu percebi que ali em volta tinha milhares de coisas. Inclusive insetos. A partir dali compreendi que no meu interior existem muitas coisas, inclusive insetos. Que isso tudo está no meu “eu”. Quando senti que não tinha nada, comecei a preencher as coisas que estavam faltando. No escuro, quando não conseguia enxergar nada, começaram a transcender as coisas dentro do universo escuro. Em uma dessas transcendências, no meio do escuro, eu me sentia também um inseto. Me transformava em inseto, me transformava em folha caindo, me transformava também em minhoca. Em uma minhoca enorme. Então, quer dizer, eu sou tudo isso.

A partir desse momento comecei a usar meu cachimbo de outra maneira. Que não é só o uso do tabaco. Porque só usando tabaco, eu me tornaria um pouco... Como dizer? Um pouco egoísta. Seria como se só eu fosse saber das coisas, só eu que saberia, somente eu e mais ninguém.

E a partir do momento que eu conheci essa outra medicina, soube que essa forma de aprendizado tem que ser repassada para todas as pessoas que quiserem acompanhar. Mas, lógico, nem todos podem. Somente quem está preparado, quem abre a porta. A partir do momento em que consegue abrir a porta, e se sentir nela, aí você deixa de se tornar egoísta. Você se torna, inclusive, inseto.

Então, acho que é mais ou menos isso. Eu aprendi isso com a medicina.

Aguyjevete!

GLOSSÁRIO DE TERMOS EM GUARANI MBYA

Aguyjevete: termo utilizado para agradecimento.

Amba: altar localizado na casa de rezas. Também indica o lugar divino originário.

Axy: imperfeito.

Jakaira: uma das divindades do panteão Guarani Mbya

Karai: uma das divindades do panteão Guarani Mbya

Kuéry: sufixo utilizado para pluralização

Nhamandu: uma das divindades do panteão Guarani Mbya

Nhanderu: uma das divindades do panteão Guarani Mbya

Ūpy: casa de rezas

Petỹ: tabaco

Petyngua: cachimbo sagrado dos Guarani Mbya

Teko axy: corpo imperfeito ou vida imperfeita

Teko: vida; modo de ser

Tekoa: aldeia, literalmente seria “o lugar onde realizamos nosso modo de ser e viver”

Tupã: uma das divindades do panteão Guarani Mbya

Xeramõi: termo utilizado para designar ao pajé ou líder espiritual

AILTON KRENAK

É um pensador, poeta místico, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o *Selvagem* – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para Adiar o fim do mundo*, *A vida não é útil* e *o Amanhã não está à venda* (Companhia das Letras, 2019 e 2020).

CARLOS PAPÁ

É um líder e cineasta indígena do povo Guarani Mbya. Trabalha há mais de 20 anos com produções audiovisuais, com o objetivo de fortalecer e valorizar a cultura guarani mbya por meio da realização de documentários, filmes e oficinas culturais para os jovens. Também atua como líder espiritual em sua comunidade. Vive na aldeia do Rio Silveira, onde participa das decisões coletivas e busca ajudar a sua comunidade a encontrar caminhos para viver melhor. É conselheiro do Instituto Maracá e representante pelo litoral norte de SP da comissão Guarani Yvyrupa (CGY).

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Este caderno contou com a colaboração de Anai Vera e Victoria Mouawad que transcreveram o texto a partir da conversa. O glossário Guarani foi feito por Anai.

ANAI VERA BRITOS

É paraguaia e mora no Brasil. Estudou Biologia na UFMS, mas mudou de profissão ao virar mestra em Antropologia pela UFSC. Atualmente é doutoranda em Antropologia Social pela USP. Pesquisa sobre a etnologia guarani e outros povos das terras baixas sul-americanas. No Selvagem, contribui como enlaçadora e tradutora de mundos.